



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VICTOR ANDRADE DE MELO (2)

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-448

Entrevistado: Victor Andrade de Melo

Nascimento: 27/10/1971

Local da entrevista: Hotel Crystal (Londrina, PR)

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 21/08/2014

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 15 minutos e 08 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Centro de Memória Inezil Penna Marinho; pessoas envolvidas; atividades realizadas; estrutura disponível; tipos de documentos; pesquisas realizadas; situação do Centro de Memória; surgimento de novos centros de memória e trabalho demandado.

Londrina, 21 de agosto de 2014. Entrevista com Victor Andrade de Melo a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, muito obrigada, eu gostaria que você contasse um pouco como surgiu à ideia do Centro de Memória e como você se envolveu nisso?

V.M. – Quando eu cheguei na Escola de Educação Física¹, em 1999, já existiam duas colegas que estavam fazendo um projeto chamado “Memórias da EEFD”. Havia um acervo da Escola que estava jogado. Trata-se de uma escola muito antiga, uma escola de 1939. Havia uma sala grande e bonita, chamada de sala de troféus, onde se guardavam alguns objetos. As duas colegas fizeram um projeto para tentar preservar aquele material. Como elas não são da área de história e nem da área de memória, quando cheguei à escola elas me convidaram para tentar gerenciar esse projeto. Foi aí que eu dei a ideia de virar um Centro de Memória na escola. Preparamos a proposta, aprovamos na congregação, no ano de 2001, e logo tivemos a ideia de botar o nome do Inezil², que foi professor e aluno da escola. Além disso, tinha muita coisa do Inezil nesse acervo. Em 2001, começou oficialmente o Centro de Memória que chama Centro de Memória Inezil Penna Marinho.

C.M. – E quem eram essas duas colegas?

V.M. – Lívia Prestes³ e Márcia Fajardo são duas colegas na área de natação, elas tiveram só a sensibilidade de tentar organizar um material muito interessante, cadernos de alunos da primeira turma, muitas fotos da construção da escola, fascículos dos Arquivos da ENEFD⁴, uma revista importante, eu acho que foi a primeira revista científica da nossa área. Depois a gente acabou fazendo um trabalho de digitalização desse material com recursos do CNPq.

¹ Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Inezil Penna Marinho.

³ Lívia Prestes Lemos da Silva

⁴ Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

⁵ Periódico oficial da ENEFD que circulou entre 1945 e 1972. Disponível em: <http://www.ceme.eefd.ufrj.br/docs/mdenefd.html>.

C.M. – E quais as atividades que vocês conseguiram desenvolver lá no Centro de Memória?

V.M. – No tempo em que eu estive a frente do Centro de Memória a gente organizou a documentação que havia e conseguiu a digitalização dos Arquivos. A gente recebeu a documentação da Federação de Remo do Rio de Janeiro, organizamos e depois devolvemos para eles e a gente desencadeou um projeto de preservação de memória de alguns clubes na cidade, especificamente do Clube Ginástico Português⁶, um clube antigo, um clube de 1868, a gente ajudou a organizar o Centro de Memória deles. O nosso Centro de Memória procurava atuar tanto com a memória interna da Escola quanto da memória do esporte da cidade.

C.M. – E em relação à equipe o que você teve de apoio de pessoal?

V.M. – Na época, a FAPERJ⁷ me chamou para coordenar um projeto chamado “Instituto Virtual do Esporte”, que era a ideia um pouco desses institutos de ciência e tecnologia. Então na época foi legal, pois eu ganhei umas vinte bolsas. Essas vinte bolsas não foram só para o Centro de Memória, mas a gente conseguiu umas seis bolsas para o Centro de Memória. Então deu para contratar uma historiadora com uma bolsa de apoio técnico, que ajudou na sistematização do material, e os bolsistas de iniciação científica, que ajudaram notadamente no trabalho no Clube de Ginástica Português e também na documentação do remo.

C.M. – E o acervo que vocês têm qual o tipo de material? Escrito, fotos, troféus?

V.M. – Tinha muito troféu, uma parte grande de troféus, tinha alguma coisa de material escrito, por exemplo, o primeiro livro de atas da congregação da escola de educação física. Então tem uns documentos bem antigos, bem legais, como cadernos de estudantes da primeira turma. Eram três tipos: uma parte de memorabilia, como flâmulas, canecas com o símbolo da escola, bandeiras, troféus, uma parte documental, e essa parte documental tinha uma parte de produção mais espontânea e produção documental.

⁶ Real Sociedade Clube Ginástico Português.

⁷ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

C.M. – Fotografias?

V.M. – Fotografia tinha também! Tinha um caderno de fotografias!

C.M. – E o acervo que vocês têm ele basicamente é sobre a instituição ou vocês tem acervo sobre esporte e sobre outros temas?

V.M. – Na época, o acervo era basicamente o acervo da instituição. A gente tinha essa ideia de tentar contribuir com as instituições, mas não para pegar o acervo. Na verdade assim, no final eu acabei me desligando do Centro de Memória por isso, eu não tinha muita vontade de trabalhar as ações da memória, na verdade, eu sentia, a despeito da importância, que estava perdendo muito tempo com isso e pouco tempo fazendo pesquisa histórica. Porque você fica um tempão organizando aquela coisa toda e você não tem tempo de escrever sobre aquela coisa toda. Então eu ficava sempre muito dividido, e uma forma de minimizar isso era essa coisa de entrar nos clubes e tentar organizar o acervo dos clubes, mas a gente nunca teve a pretensão, no meu tempo, de pegar para nosso acervo esse material. Nossa pretensão era trazer o material, organizar e devolver. Ou então como foi no Clube Ginástico, organizar já lá. Já havia um sócio lá organizando as coisas, de uma forma muito espontânea, o que a gente fez foi tentar ajudar nessa organização e o cara ficou super feliz que a gente botou três bolsistas lá, a historiadora ficou lá. Então nós organizamos o acervo e deixamos tudo organizado para ele.

C.M. – E nessa organização de acervos vocês tiveram contato além da historiadora, com outros profissionais da ciência da informação, museologia, arquivologia?

V.M. – Não! Inclusive porque na UFRJ não tinha. Era difícil organizar algum profissional nisso. Na verdade, eu fiquei três ou quatro anos à frente do Centro de Memória e a gente acabou não tendo nenhum contato com profissional específico.

C.M. – Em relação a espaço, a Universidade disponibilizou o espaço, vocês tiveram alguma disputa dos espaços?

V.M. – Não. Isso não. Porque já tinha a sala de troféus, que era uma sala super bonita, que foi a antiga sala da congregação. Então, isso não teve problema. O que teve foi que a Escola de Educação Física nunca compreendeu muito a importância do Centro de Memória, era uma coisa do tipo “Ah! legal um Centro de Memória” mas não tinha reconhecimento. A gente fez muitos eventos. A gente fez uns três ou quatro eventos, inclusive um levando os professores antigos vivos, como a Maria Lenk⁸, que estava viva na época, o Mauricio Rocha. Ainda tinham professores fundadores vivos da escola, então nós fizemos um grande evento e levamos todos eles. A gente tinha vontade também de fazer um banco de história oral com esses professores, mas acabou não saindo. Acho que uma parte inclusive por culpa minha, porque no fundo, no fundo eu não tinha muito interesse no tema. Eu acabei entrando no tema um pouco de forma contingencial, quer dizer tinha aquele negócio ali, “vamos fazer isso aqui e tal”, eu achava uma pena deixar aquilo lá largado e acabei trabalhando um tempo com isso. Mas no fundo, no fundo eu não gostava muito de gerenciar isso, por isso que eu te falei que eu achava que eu perdia um tempo enorme organizando, acho importantíssimo [ênfase], mas eu perdia um tempo enorme e não tinha tempo de fazer o que eu queria fazer. O que eu gosto de fazer é o trabalho de historiador, não é o trabalho de museólogo assim.

C.M. – E sobre as pesquisas nesse período, vocês tiveram muitas pessoas pesquisando, teve orientandos, por exemplo, pesquisando este acervo?

V.M. – Não! Pouquíssima gente pesquisando. Algumas pessoas pesquisando a história da escola, o que continua acontecendo, volta e meia as pessoas vão lá. Eu fiz alguns trabalhos sobre o Inezil nessa época, com o material do Inezil que tinha lá. Fiz alguns trabalhos com o material do remo que era aquele acervo que depois a gente devolveu para a Federação de Remo.

C.M. – E de metodologia o que vocês utilizaram nessas pesquisas, vocês chegaram a utilizar alguma coisa da história oral?

V.M. – Não! A gente tinha um plano de utilizar a história oral, mas a gente não utilizou. Quer dizer na verdade foram as pesquisas nos moldes tradicionais, as metodologias da

⁸ Maria Emma Hulga Lenk Zigler.

história mesmo. Quer dizer, pesquisa documental, mas não chegamos a usar nada inovador, foi mais de experiência assim.

C.M. – Quando é que você saiu?

V.M. – Chris, eu acho que eu saí em 2004 eu não me lembro, eu já estava meio de saco cheio, foi em 2004. Eu já estava meio de saco cheio e teve uma crise interna na escola, política muito braba e correspondeu ao tempo em que eu fui chamado para o Programa de Pós – Graduação em História⁹ e juntou tudo. Juntou o fato de eu não estar mais com saco de gerenciar aquilo, o fato que eu estava chateado com a escola [INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]. Foi um pouco isso, juntou que eu estava sem paciência, eu fiquei chateado com a escola com umas coisas que aconteceram, chateado de a escola não apoiar aquilo e me chamaram lá para o Programa de História, entendeu? De repente eu falei assim “encontrei a saída da minha vida, vou para o Programa de História, vou poder trabalhar como historiador”, foi uma opção legal para mim nesse sentido estou há dez anos lá no Programa de História, foi muito legal. Agora, eu acho que para o Centro de Memória não foi bom, porque o Centro de Memória depois, eu acho, nunca avançou muito, nunca engrenou de novo. Ele continua, outro dia a Priscilla¹⁰ me mandou e-mail dizendo: “Victor está horrível o acervo”.

C.M. – Ela foi para o Rio¹¹ depois foi lá para o CEME¹².

V.M. – Ela falou e mandou um e-mail “Vitor o material está precário” e respondi “imagino”. Mas, não vou entrar nessa de fazer de novo, porque primeiro eu não estou mais nem na Escola de Educação Física, eu saí e fui para Faculdade de Educação, e segundo que não é a minha praia, de fato não é o que eu gosto de fazer.

C.M. – Depois que você saiu teve alguém que já ficou responsável pelo Centro de Memória ou ficou um período sem ninguém?

⁹ UFRJ.

¹⁰ Priscilla Kelly Figueiredo.

¹¹ Rio de Janeiro.

¹² Centro de Memória do Esporte da ESEF-UFRGS.

V.M. – Ele ficou um período sem ninguém depois tentaram com alguns professores. A escola chegou a contratar uma historiadora, fez concurso para uma historiadora para gerenciar o acervo. A Carolina¹³ está procurando desenvolver algum projeto e volta e meia sei alguma notícia de que algo está ocorrendo por lá. Eu acho que no fundo não há um apoio institucional da escola. A pessoa chega quer fazer alguma coisa e não encontra um apoio da escola, então as pessoas vão desanimando e a coisa vai ficando por lá.

C.M. – Então, Victor tem mais alguma coisa que você quer registrar sobre essa experiência?

V. M. – Assim foi a minha experiência pessoal. Houve um determinado momento em que houve um fluxo de Centros de Memória; eu olhava aquilo com muita suspeita. Porque eu falava assim “Cara! Eles não têm noção do que é um Centro de Memória”. A Silvana¹⁴ minha amiga e irmã de muitos anos, eu vi a batalha dela de tantos anos, para conseguir fazer com que o Centro de Memória¹⁵ lá no Rio grande do Sul seja o que ele é, da mesma forma a batalha que o pessoal do Centro de Memória¹⁶ da UFMG¹⁷ tem. O pessoal foi muito na onda de “vamos abrir Centros de Memória” sem ter noção que é muito difícil isso, tem que ter profissionais capacitados, você tem que ter *expertise* em organização dos acervos e tem que ter recurso, porque se não você não consegue fazer o básico da higienização do acervo, captação de novos acervos. Então eu acho que no decorrer do tempo na verdade a gente vai ficar com dois ou três Centros de Memória, que são aqueles que de fato se estruturaram para isso.

C. M. – Então, Victor muito obrigada!

V. M. – Foi um prazer!

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Silvana Vilodre Goellner.

¹⁵ Centro de Memória do Esporte da ESEF-UFRGS.

¹⁶ Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.

¹⁷ Universidade Federal de Minas Gerais.